

RESENHA DO FILME “ELEFANTE” DE GUS VAN SANT À LUZ DO ENSAIO DE
HANNAH ARENDT “A CRISE NA EDUCAÇÃO”

Bianca Vilhena Campinho Pereira*
Doutora PUC-Rio

RESUMO: Esta resenha pretende explicitar alguns aspectos do premiado filme de Gus Van Sant, obra de ficção baseada no alarmante episódio do massacre em Columbine, ocorrido no final na década de 90. Para tratar do filme, apoio-me em alguns conceitos de Hannah Arendt, sobretudo em seu ensaio, *A crise na educação* (1957), escrito quando a autora vivia nos Estados Unidos, em que constata aspectos interessantes para pensarmos a respeito dos impasses de uma educação atingida pela crise do mundo contemporâneo.

Palavras-Chave: Elefante; Gus Van Sant; crise na educação; Hannah Arendt.

ABSTRACT: In this review I try to explain some aspects of the award-winning film directed by Gus Van Sant. This is a fictional work based on the alarming episode of the Columbine massacre in the late 90s. In order to address the film, I rely upon Hannah Arendt's essay 'The crisis in Education' (1957), written when the author lived in the United States, because there she finds interesting aspects to think about the impasses of an education system affected by the crisis in the contemporary world.

Keywords: Elephant; Gus Van Sant; crisis in education; Hannah Arendt.

* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Ficha técnica do filme

Título: *Elefante*
Direção: Gus Van Sant
Gênero: Drama
Ano: 2003
Produção: E.U.A



Resenha

Em seu texto intitulado ‘A crise na educação’, Hannah Arendt, logo no início, afirma a crise como oportunidade para a reflexão. A crise dilacera fachadas e oblitera preconceitos, diz ela, e é uma oportunidade de “explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu, e a essência da educação é a natalidade, o fato de que os seres humanos nascem para o mundo. (ARENDR, 2009, p. 223).” O ensaio de Hannah Arendt, de 1957, foi escrito enquanto morava nos Estados Unidos, sobre o qual ela afirma particularmente afetado no âmbito da educação pela crise do mundo moderno - embora admita que, no século XX, qualquer situação em um país se mostre igualmente possível em praticamente em qualquer outro país (ARENDR, 2009, p. 222). O filme sobre o qual iremos falar, *O Elefante*, de Gus Van Sant (2003), é inspirado no episódio, ocorrido em 1999, do massacre em Columbine, escola pública de ensino médio no Colorado, onde dois jovens estudantes atiraram e mataram 12 estudantes e 1 professor, e depois se mataram.

O prólogo do filme não poderia ser mais emblemático. O rapaz, o principal espectador do massacre - o que cruza com os jovens atiradores entrando na escola e clama correndo ao entorno da escola para que ninguém entrasse, pois algo terrível se anunciava -, precisa lidar com seu pai embriagado e desgovernado ao volante. O filho ameaça assumir a direção, enquanto o pai lhe diz que este irá se atrasar para o trabalho. “Mom’s gonna kill you!” exclama o jovem, após o pai quase atropelar um ciclista, amassar e arranhar o próprio carro e outros estacionados pelo caminho. O máximo de autoridade que o pai consegue transmitir ao filho é que este, ao dirigir, coloque o sinto de segurança, e é interessante prestar atenção no diálogo que ocorre no interior do carro.

PEREIRA, Bianca Vilhena Campinho.

Resenha do filme "Elefante" de Gus van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt "A crise na educação"

O filho assume a direção e o pai completamente desarmado propõe ao filho uma caçada para o final de semana. "Podemos usar aquela arma que o vovô trouxe das ilhas Turks." Para que o filho não se esqueça de sua herança, o pai então faz uma referência a um oficial da marinha, comandante na Guerra do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Este oficial ficou conhecido como um dos mais agressivos e entusiasmados comandantes na luta contra os japoneses, recebendo o apelido de "Bull". O filho afirma já ter estado nas ilhas, já o pai afirma que nunca esteve, talvez porque tenha perdido a memória.

Tradicionalmente acreditamos na relevância da autoridade dos pais sobre os filhos e dos professores sobre os alunos, inclusive como o modelo pelo qual compreendemos a autoridade política. No entanto, como denuncia Arendt, uma crise constante da autoridade, sempre crescente e cada vez mais profunda, acompanhou o desenvolvimento do mundo no século XX, o que a levou a afirmar, inclusive, que a autoridade desapareceu no mundo moderno. Segundo a autora, é evidente a falta de responsabilidade e o despreparo dos adultos para acolher os recém-chegados ao mundo. É como se os pais dissessem todos os dias: - Nesse mundo, mesmo nós não estamos muito a salvo em casa; como se movimentar nele, o que saber, quais habilidades dominar, tudo isso também são mistérios para nós. Vocês devem tentar entender isso do jeito que puderem; em todo caso, vocês não têm o direito de exigir satisfações. Somos inocentes, lavamos as nossas mãos por vocês. (ARENDR, 2009, p. 241-242). Nota-se, ademais, no contexto das sociedades globalizadas, a dificuldade de pautar a atitude e responsabilização dos adultos num mundo cuja velocidade das transformações o torna em muitos momentos irreconhecível.

Outro aspecto para o qual Hannah Arendt chama atenção é a característica do sistema educacional norte americano que leva em conta sobretudo o grupo, em detrimento à criança individual. Segundo a autora, a autoridade que diz aos infantes individualmente o que fazer e o que não fazer repousa no próprio grupo de crianças, o que torna o adulto impotente ante a criança individual e com pouco contato com ela (ARENDR, 2009, p. 230). Este pressuposto está na base da sociedade de massas e o episódio do massacre de Columbine evidencia este problema. Se, por um lado, como afirma Arendt, o sistema educacional americano é louvável por ser inclusivo e por ser regido pelo princípio de igualdade da democracia, ao invés da meritocracia, tal como

PEREIRA, Bianca Vilhena Campinho.

Resenha do filme "Elefante" de Gus van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt "A crise na educação"

ocorre na Inglaterra, o que se nota é que a democracia está toda a serviço do show e do espetáculo exigidos pela sociedade de massas e pelo mercado. Como se ficou sabendo posteriormente, os dois garotos eram preteridos por não se ajustarem a tipos populares e atléticos. Há, no filme, alguns exemplos do problema, como a menina que não se ajusta aos padrões por não querer usar shorts na educação física e as três meninas bulímicas que, ao contrário, se ajustam excessivamente. Arendt considera um erro tratar as crianças como autônomas e permitir que, sem o auxílio dos adultos, governem a si mesmas, pois, se olharmos do ponto de vista da criança individual em relação a um adulto, são mínimas as suas chances de rebelar-se e suportar-se como minoria diante do confronto com um grupo de crianças.

Os primeiros disparos que iniciam o massacre são apontados para 'a esquisita' que tem dificuldades com o próprio corpo, o que se percebe pela sua relação com as aulas de educação física. Ela está iniciando uma espécie de estágio na biblioteca da escola e sua primeira tarefa é organizar os livros de não-ficção na prateleira. Embora o filme trabalhe mais com a sincronia do que com a cronologia, depois de atacar a biblioteca, o segundo alvo dos adolescentes é o banheiro onde três meninas bulímicas acabam de vomitar. Há algo de intragável, algo que precisa ser posto para fora. Algo que, no entanto, precisa ser encarado de frente, mesmo em nossa impossibilidade de ter do episódio de Columbine, que se tornou um ícone do fenômeno conhecido como *school shooters*, uma visão global, uma dimensão total do problema. Neste ponto, é importante destacar o provável motivo da escolha do título do filme. Uma inspiração crucial para Gus Van Sant foi o documentário homônimo feito por Alan Clarke em 1989, que se passa na Irlanda do Norte e que também trata da violência entre os jovens através de uma narrativa picotada. Apesar de Clarke ter assim nomeado seu filme por julgar o problema abordado "tão facilmente ignorável quanto um elefante na sala de estar", Van Sant inicialmente achou que o título se referia a uma parábola budista sobre um grupo de cegos examinando diferentes partes de um elefante. Nessa parábola, cada cego afirma convictamente que compreende a natureza do animal com base tão somente na parte que lhe chega ao tato. Ninguém vê ou sente o objeto na sua totalidade, mas todos arriscam um palpite totalizante – e, naturalmente, equivocado. Gus Van Sant parece reconhecer que a questão extrapola tudo isso: não há perspectiva possível que permita compreender o conjunto da situação. O filme então sugere a imersão, não há

PEREIRA, Bianca Vilhena Campinho.

Resenha do filme "Elefante" de Gus van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt "A crise na educação"

possibilidade de estabelecer uma distância, nem tampouco há ponto fixo entre observador e objeto. A câmera interage com os personagens, acompanha-os de perto e em seu próprio tempo, explora os interiores da escola e mistura-se ao ambiente.

Mesmo após ter descoberto o verdadeiro motivo pelo qual o documentário de Alan Clarke se chama *Elephant*, Van Sant afirma que o seu filme, rodado numa *high-school* situada em Portland, tem mais a ver com a parábola dos cegos. Sem que se saiba destas referências, a única menção a um elefante que encontramos no filme é um desenho do animal pendurado na parede do quarto mostrado enquanto um dos dois meninos está ao piano tocando Beethoven. Enquanto o adolescente toca a música que Beethoven fez para uma mulher, a câmera gira 360° mostrando tudo o que está ao seu entorno: rádio, televisão, videogame, uma poltrona vazia, quadros e desenhos na parede (um deles, um elefante), roupas espalhadas... A acesso fácil às armas de fogo, bastando clicar num site da internet e recebê-las em casa via sedex e o documentário (crítico ao nazismo e que trata da importância da arte e da propaganda na ideologia) a que eles assistem na televisão chamam atenção e o elefante passa quase que despercebido. Neste sentido é interessante ressaltar que, embora permita subtrair algumas causas prováveis da chacina, o filme, escapando de explicações deterministas para o massacre, bem como de uma abordagem psicologizante, no desenvolvimento da narrativa, reposiciona essas possíveis causas tornando-as movediças e frágeis, o que o torna, por sua vez, um recurso profícuo para nos fazer pensar sobre o fenômeno dos massacres.

Na segunda cena do filme, temos Elias, que registra os fragmentos com sua máquina fotográfica ao longo do filme. Sua primeira aparição é uma cena no bosque onde encontra um jovem casal para o qual pede que lhe permita que tire algumas fotos. O casal quer saber qual o objetivo do rapaz e este lhes diz que está fazendo um portfólio com retratos, e o rapaz do casal pergunta se é de pessoas nuas, se ele quer que os três fiquem nus para serem fotografados. O fotógrafo diz que esta não é a dele, que não gosta desta coisa de nudez ao ar livre. A nudez total da sacralização do horror só pode ser sentida no último dia, o dia tão esperado e preparado pelos dois 'heróis' da tragédia. "So foul and fair a day I have not seen"¹ afirma um dos rapazes durante o massacre. Talvez possamos tornar equivalentes as formas como o jovem é recrutado

¹ Citação de *Macbeth* de Shakespeare (tradução nossa): 'Como é horrível e justo o dia que ainda não vi'.

PEREIRA, Bianca Vilhena Campinho.

Resenha do filme "Elefante" de Gus van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt "A crise na educação"

pela cultura de massas e o homem médio, culto e moderno passeia pelas obras de arte. O *phatos* do estranhamento é solapado, não há espanto com coisa nenhuma e, portanto, sagrado e profano se igualam. Esta é a atmosfera do filme, há pouco espanto inclusive nas vítimas do massacre no momento do acontecimento. O espectador atento, no entanto, se espanta com a névoa de indiferença. Sobre uma das causas comumente atribuída a esses massacres, o estímulo violento do videogame, Berardi afirma: "Não é o conteúdo do jogo, mas o estímulo mesmo que produz o efeito de dessensibilização da experiência corporal do sofrimento e do prazer" (Apud PINTO NETO, p.183, 2019). Segundo ele, a paisagem tecnomidiática que forma a nova geração de jovens envolve uma transformação da relação até então estabelecida pela linguagem humana e o contato corporal, logo, o assassino em massa seria apenas uma manifestação excepcional dessa tendência geral que separa, no processo de aprendizado, a linguagem do contato corporal.

O texto de Hannah Arendt *A crise na educação* é alvo de muitas polêmicas, rico, complexo e de muito valor, especialmente para os profissionais da educação. Nosso intuito ao trazê-lo foi como contributo à análise do filme, visto que, ao percebermos alguns paralelos entre ambos, notamo-lo profícuo para pensar o filme e o fenômeno que ele narra - funesto sintoma, talvez, dos problemas que atingem a educação na sociedade de massas. Qual é o legado que temos a oferecer às crianças e jovens? Temos espaços comuns para debater os assuntos que não são meramente privados? Como resistir à sociedade contemporânea que nos isola e massifica transformando-nos em elementos substituíveis? Arendt analisa a crise do mundo contemporâneo sob diversos ângulos, e indaga de que forma a crise que afetou a educação e a nossa incerteza diante desse "mundo", ao qual não nos sentimos pertencer, afetam a educação de jovens e crianças. Em seu ensaio, ela propõe, dentre outras coisas, que educar é estar aberto ao novo que as novas gerações irão construir, sem que isso signifique negar o passado, muito ao contrário, a tradição e o legado de uma cultura são de valor inestimáveis para a transmissão e comunicabilidade entre gerações.

"A educação, afirma ela, é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-los de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso, com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum." (ARENDR, 2009, p. 247)

PEREIRA, Bianca Vilhena Campinho.

Resenha do filme "Elefante" de Gus van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt "A crise na educação"

No filme, por um lado, temos Eric e Alex que inauguram um terrível fenômeno global e, por outro, temos John, condutor do pai embriagado, apresentado ao longo do filme como não sendo indiferente a si mesmo e aos outros, mas sensível e responsável, isto é, um jovem com um porvir promissor de alguma esperança, que, no entanto, recebe como herança uma sociedade violenta, que reforça a comparação, a competição e a inveja, e ao mesmo tempo banaliza coisas fundamentais da vida humana – há algo estampado em sua camisa (o desenho de um touro) e com isso é preciso lidar.

PEREIRA, Bianca Vilhena Campinho.

Resenha do filme "Elefante" de Gus van Sant à luz do ensaio de Hannah Arendt "A crise na educação"

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PINTO NETO, Moyses. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. *In: Dialogia: Revista do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho, São Paulo, n. 33, p-178-191, set-/dez. 2019.* Disponível em:
<<https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=13790&path%5B%5D=7840>>. Acesso em 03/06/2020.